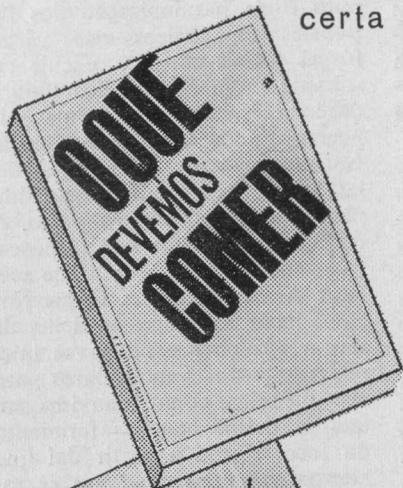


# O QUE COMER? COMO COMER?

Dois livros fundamentais dão resposta certa a estas perguntas.



## O QUE DEVEMOS COMER

de **A. da Silva Mello**

Guia claro e seguro sobre a melhor maneira do brasileiro alimentar-se. Obra que leva em conta não apenas os recursos econômicos do indivíduo, mas os problemas de uma sociedade vítima da padronização industrial, dos pseudo-cientistas e da ganância de comerciantes. Verdadeira enciclopédia de alimentação.

**cr\$ 2.000,**



## MIGUEL, O MAGNÍFICO

o requinte culinário ao alcance de todos

de **Miguel de Carvalho Neto**

Coletânea de receitas que são maravilhas culinárias. Receitas acessíveis a quase todas as bolsas e que exigem apenas bom gosto e capricho para serem feitas.

**cr\$ 2.000,**

À VENDA EM TÓDAS AS BOAS LIVRARIAS DO PAÍS

**EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S/A**

Pedidos pelo Reembolso Postal — Rua 7 de Setembro, 97

1

Este trabalho pretende descrever, em nível exploratório, algumas formas do populismo paulista no que se refere ao seu conteúdo social; pretendemos caracterizar o “janismo” e o “ademarismo” quanto às suas diferenças de *ideologia* e de *posição social*. Definido nestes termos, nosso tema já supõe, evidentemente, um quadro de hipóteses e uma perspectiva de análise que nos afasta do senso comum, para o qual o populismo aparece como um fenômeno *não-ideológico* e sem apoio em qualquer posição social particular.

Dêste modo, a discussão das alternativas de interpretação se encontra intimamente vinculada à apresentação e análise do material coletado e será, portanto, realizada no transcorrer do trabalho. Assim, esta introdução tem apenas o objetivo de indicar as limitações técnicas da coleta e determinar os marcos metodológicos gerais adotados para a interpretação.

O plano de nossa investigação incluía, como fonte básica de material empírico, a aplicação de um questionário (vide anexo) em uma amostra de eleitores dos bairros paulistanos de maior penetração populista obedecia ao propósito de recolher o material mais rico para bairros onde Ademar de Barros e Jânio Quadros, nas eleições de 1962, somaram votos em proporção nunca inferior a 70%; selecionamos neste conjunto uma primeira amostra (10%) de bairros; sobre esta amostra, selecionamos, finalmente, uma segunda amostra de 400 eleitores.

Este enunciado sumário do procedimento de investigação já sugere que não temos a pretensão de *generalizar* os resultados para todo o Estado de São Paulo. Em outros termos: não pretendíamos, desde o início, que as proporções e distribuições das características amostrais viessem a se constituir em estimativas das proporções e distribuições globais. A seleção dos eleitores em bairros de grande penetração populista obedecia ao propósito de recolher o material mais rico para descrever o fenômeno em seus traços gerais, pelo sistema de construção de tipos.

As limitações, já previstas em nosso plano, do procedimento tipológico no que se refere à generalização dos resultados, tornaram-se, contudo, mais nítidas diante das dificuldades práticas encontradas na realização da pesquisa. Com efeito, a perda de elementos da amostra foi muito superior à esperada, pois os endereços fornecidos pelo T.R.E. de São Paulo se revelaram desatualizados na proporção de 70%. Dêste modo, conseguimos atingir apenas 50% dos eleitores, sendo que

## RAÍZES SOCIAIS DO POPULISMO EM SÃO PAULO

FRANCISCO C. WEFFORT

50% dos entrevistados só puderam ser localizados por indicações de vizinhos pois haviam mudado de domicílio. Nestas condições, a intenção de generalizar torna-se insubsistente mesmo para o conjunto de bairros que apresentam a característica comum de uma acentuada penetração populista.

Em face da precariedade do material fornecido pelos questionários, recorremos a informações sobre resultados eleitorais de 1962 de modo a ampliar nosso embasamento empírico. Contudo, estes dados não conferem toda a solidez necessária ao procedimento indutivo. Poder-se-ia dizer, talvez, que, somados ao material coletado pelos questionários, tornam possível a construção de tipos causalmente mais adequados; não podem, porém, ser tomados como suportes empíricos exclusivos para a prova de hipóteses generalizadoras.

Os percalços da coleta obrigaram-nos, então, a acentuar o caráter tipológico da análise, e impõe-nos o esclarecimento, nesta introdução, do sentido que atribuímos ao nosso procedimento interpretativo.

2

Entendemos que, segundo a orientação tipológica, os elementos empíricos são “pontos de apoio” qualitativos para a construção dos tipos, suportes que permitem afirmar que estes construtos são prováveis e, dentro de certos limites, adequados causalmente. Em outros termos, nesta linha de interpretação, o material é de utilidade mínima para evidenciar a distribuição empírica global de determinadas características, mas de utilidade máxima para testemunhar a realidade de certas conexões de sentido. Deste modo, reconhece-se como função essencial dos tipos construídos sua qualidade de instrumento para a inteligibilidade das manifestações históricas e particulares dos fenômenos que se está estudando.

Nestas condições, nenhum conceito desta espécie pode ser apresentado como um “resumo” da realidade a que se refere, qualidade que em geral se atribui aos conceitos elaborados indutivamente. Com efeito, o tipo é essencialmente a *imagem*, mais ou menos adequada causalmente de conexões de sentido compreendidas nos horizontes de uma intenção de descrever certos aspectos ou momentos de uma realidade que se supõe infinita.

Assim, a descrição de conexões de sentido necessariamente concebe o fenômeno em estudo fora de uma totalidade histórico-concreta. Em nosso caso, porém, este caráter obrigatoriamente a-histórico da análise tem a significação particular, e talvez insólita, de que tomamos a história “em abstrato”. Com efeito, não fazemos uma análise dinâmica do populismo, pois não temos todos os elementos necessários para elucidar sua função e significação no processo histórico brasileiro concebido como totalidade concreta. Não obstante, fazemos a descri-

ção de sentido de um fato visto como momento de uma totalidade histórica que, se não está empiricamente dada no contexto da análise, pode, porém, por força deste mesmo contexto, ser imaginada como possível. Em outros termos: nossa análise de sentido se abre para um conhecimento totalizante, pois supõe a vigência de uma totalidade histórica como seu horizonte.

Este suposto altera o caráter da descrição, ou melhor amplia seus limites. A compreensão de sentido, na orientação definida pela sociologia de Weber, deveria ater-se aos conteúdos da consciência individual, o que significa, em nosso caso, focalizar as relações líder-massa típicas do populismo em termos das formas de legitimidade das relações de dominação. Esta perspectiva — adequada para a compreensão do sentido que se atribuem reciprocamente o líder e os indivíduos conglomerados na massa — parece-nos, não obstante, insuficiente, pois a exigência de esclarecimento das diferenças sociais efetivas entre a liderança carismática de Jânio Quadros e a liderança patriarcal de Adhemar de Barros conduz a análise a transcender a consciência individual e a orientar-se para compreendê-las como formas de consciência de classe.

Como se perceberá no andamento do trabalho, a noção de consciência de classe se constitui no próprio núcleo de nossa interpretação do populismo. Não obstante, dada a ausência de elementos empíricos que nos permitam uma análise totalizante e concreta, a superação do âmbito da consciência individual não significa a superação dos limites mais gerais da orientação tipológica que indicamos anteriormente. Portanto, apesar de que a noção de consciência de classe oriente a análise na linha das conexões entre a consciência e a posição estrutural de um grupo, não temos a possibilidade de superar radicalmente o nível descritivo pois, no fundamental, somos obrigados a operar com os recursos de imputação de sentido. Nestas condições, nosso objetivo poderia resumir-se em aclarar as conexões entre determinadas formas de legitimidade e determinadas situações de classe, para termos a possibilidade de redefinir aquelas formas como modos de expressão de consciência de classe.

## I — MASSA E CLASSE

1

Nesta orientação de análise, torna-se obrigatório um ativo intercâmbio entre os conceitos e os fatos, se pretendemos distinguir, na massa amorfa dos dados, os fenômenos que nos interessam. Com efeito, o populismo como fato social e político se configura de modo a mistificar as diferenciações de *classe* e de *ideologia*, e confirma, em aparência, a noção elaborada pelo senso comum, pois se manifesta sempre como fenômeno de *massa*, ou seja como relação *peçoal* entre um líder e um conglomerado de indivíduos.

Com efeito, ao nível das aparências, um tipo determinado de relação populista só pode diferenciar-se do outro como uma forma particular de interação entre indivíduos. Assim, é fácil perceber que janistas e ademaristas apenas se distinguem, como setores diversos da opinião política, através das imagens pelas quais se identificam com seus líderes respectivos. Dêste modo, parece-nos inútil discorrer sobre os elementos fornecidos pelos questionários quanto a êste aspecto, pois, do nosso ponto de vista, não iríamos além de uma caracterização pré ou para-política do populismo. Pretendemos, porém, voltar ao sentido social destas imagens, devendo deixar aqui assinalado que os resultados dos questionários servem, como seria de esperar, à descrição de figuras autoritárias (Adhemar de Barros, de tipo patriarcal, Jânio Quadros, de tipo aproximadamente carismático).

Cabe observar, então, que para o senso comum é ponto de chegada esta relação lider-massa que é nosso ponto de partida, pois tem do populismo uma concepção difusa centrada na idéia indefinida de *demagogia*. O moralismo das classes médias tradicionais, em cujos horizontes se elabora a noção mais freqüente daquele fenômeno, oferece-nos alguns testemunhos. Plínio Barreto, escrevendo sob o impacto esmagador do malôgro de seu partido (a UDN) ante Adhemar de Barros em 1947, aconselha a quem pretenda êxito em política: "Evite por todos os meios obrigar o povo a refletir. A reflexão é um trabalho penoso a que o povo não está habituado. Dê-lhe sempre razão. Prometa-lhe tudo que êle pede e abraçe-o quanto puder. O único talento que se permite ao candidato é o de 'camelot'." ("O Estado de São Paulo", 26-1-1947). Está evidente neste comentário a incapacidade de compreender como tal um fenômeno político; ou melhor, talvez estas opiniões sejam o mais adequado testemunho da atitude "anti-política" tão difundida entre certos setores das camadas médias tradicionais de São Paulo incapazes de participar, com vantagem, em uma democracia de massas. Para êstes setores, a política, como tal, perde sentido, pois, como diz Plínio Barreto, as massas "têm uma irresistível tendência para o pulha".

Na linha do moralismo tradicional, o populista não aparece como um verdadeiro político, nem as massas como fundamento de qualquer tipo de política. O populista é visto apenas como um imoral aproveitador da ignorância popular. Esta atitude, que expressa uma grande perplexidade perante a explosiva emergência política das massas depois de 1945, está muito clara nos comentários de "Anhembí" às eleições de 1950: "No dia 3 de outubro, no Rio de Janeiro, era meio milhão de miseráveis, analfabetos, mendigos famintos e andrajosos, espíritos recalcados e justamente ressentidos, indivíduos tornados pelo abandono homens boçais, maus e vingativos, que desceram os morros embalados pela cantiga da demagogia berrada de janelas e automóveis, para votar na única esperança que lhes restava: naquele que se proclamava pai dos pobres, o messias-charlatão..."

Contudo, a força das aparências não ilude apenas as camadas médias tradicionais. Com efeito, é curioso observar que mesmo os ideólogos nacionalistas (em particular Guerreiro Ramos, em *A Crise do Poder no Brasil*) não conseguem ultrapassar os limites da relação lider-massa. Definem o populismo pelos seus aspectos exteriores — demagogia, apêlo emocional, paternalismo, verbiagem social, etc. — e especialmente pela "ausência de ideologia", qualidade negativa que apenas resume as demais.

Evidentemente a ilusão não resulta apenas de desvios ideológicos ou de insuficiências teóricas dos analistas que vimos mencionando. Resulta também de que a realidade mesma apresenta a ilusão como sua face verdadeira. Assim, observa-se pelos resultados de nossa investigação que os seguidores de Jânio Quadros e de Adhemar de Barros, fixados na devoção à pessoa do líder, não distinguem outros conteúdos que se lhe associam. Com efeito, esta "amorfização" das diferenças sociais e políticas parece ser a característica mais visível da relação lider-massa.

Poderíamos determinar mais concretamente o sentido que atribuímos a esta "amorfização" pela apresentação das atitudes dos ademaristas e janistas com referência a políticos conhecidos. Qualquer padrão de racionalidade política nos permitiria ver na seqüência LACERDA-GETÚLIO-BRIZOLA-JULIANO-FIDEL, uma série de posições políticas ordenadas desde a mais conservadora até a mais radical. Com a intenção de obter indicações para distinguir graus de radicalismo e conservantismo entre os dois grupos de entrevistados, introduzimos no questionário uma pergunta cujos resultados se apresentam na tabela da página seguinte.

Como se pode perceber de imediato, as diferenças entre ademaristas e janistas não possuem qualquer significação, mesmo se deixamos de lado a possibilidade de um tratamento quantitativo dos dados, e tenhamos apenas a intenção de captar sugestões para uma análise qualitativa. Em ambos os casos, observa-se a aceitação quase unânime de Getúlio e a recusa dos demais, em graus variáveis porém semelhantes para os dois grupos. Só nos pontos extremos da escala se poderia, talvez, perceber uma pequena diferença na recusa mais enfática de Lacerda pelos janistas contra uma recusa mais nítida de Fidel Castro pelos ademaristas.

Talvez seja a evidência mais flagrante desta "amorfização" política e social o conjunto de resultados das perguntas 6 e 9 (V. questionário anexo) formuladas também com o objetivo de construir uma escala de atitudes de radicalismo-conservantismo.

TABELA 1

Pergunta: n.º 10 — Baseado em suas informações atuais, qual a sua impressão sobre .....? É ótima, boa, ruim ou péssima? (SE "regular": mais para boa ou mais para ruim?)

	LACERDA		GETÚLIO		BRIZOLA		JULIANO		CASTRO	
	% "AB"	% "JQ"								
Ótima, boa, regular +	31,3	24,4	89,5	93,0	25,4	27,9	10,4	3,5	10,4	20,9
Apenas regular	8,9	7,0	1,5	—	3,0	3,5	1,5	1,2	1,5	2,3
Regular — ruim, péssima	40,3	57,0	3,0	3,5	31,3	37,2	14,9	19,8	53,7	50,0
Não sabe	17,9	8,1	4,5	2,3	38,8	30,2	68,6	71,4	28,3	23,2
Sem resposta	1,5	3,5	1,5	1,2	1,5	1,2	4,5	3,2	6,0	3,5

TABELA 2

Pergunta: n.º 6 — Como o senhor sabe, as pessoas, às vezes, têm opiniões diferentes sobre certas coisas; uns pensam de um jeito, outros pensam de outro. Juntando opiniões diferentes, nós fizemos uma lista de pontos de vista sobre a situação do país e gostaríamos de saber se o senhor concorda ou discorda destes pontos de vista. (LER: Algumas pessoas acham...)  
a — O senhor concorda ou discorda deste ponto de vista?

	aS	aN
1) Algumas pessoas acham que faltam estradas	( )	( )
2) ... que o funcionalismo público ganha sem trabalhar	( )	( )
3) ... que há muitos impostos sobre o comércio	( )	( )
4) ... que a carestia de vida está cada vez maior	( )	( )
5) ... que faltam hospitais e serviços de assistência social gratuita	( )	( )
6) ... que os analfabetos também deveriam ter direito ao voto	( )	( )
7) ... que os americanos exploram o povo brasileiro	( )	( )
8) ... que a legislação trabalhista protege o trabalhador e é contra o patrão	( )	( )
9) ... que falta amparo e ajuda ao pequeno agricultor	( )	( )
10) ... que o governo federal ajuda mais as grandes indústrias americanas do que o povo brasileiro?	( )	( )

ITEM	SIM		NÃO		S/R	
	AB	JQ	AB	JQ	AB	JQ
1	61,2	69,4	38,8	24,7	—	5,9
2	43,3	42,3	47,8	47,0	8,9	10,6
3	65,7	55,3	16,4	22,3	17,9	22,3
4	97,0	96,5	3,0	1,2	—	2,3
5	79,1	89,4	19,3	8,2	1,5	2,3
6	55,2	36,5	43,3	62,3	1,5	1,2
7	50,7	65,9	23,9	22,3	25,4	11,8
8	34,3	27,0	55,2	61,2	10,4	11,8
9	91,0	92,9	3,0	—	6,0	7,1
10	41,8	50,6	29,8	21,2	28,3	28,2

Pergunta: n.º 9 — Gostaríamos de poder continuar com perguntas sobre aquela lista de opiniões diferentes sobre a situação do País.

1) Algumas pessoas acham que faltam escolas	( )	( )
2) ... que a principal causa da alta do custo de vida é que os operários vivem pedindo aumento de salário	( )	( )
3) ... que a legislação trabalhista deve ser aplicada também aos trabalhadores do campo	( )	( )
4) ... que há roubarheira, negociatas e corrupção na política brasileira	( )	( )

- 5) ... que São Paulo vive custeando os outros Estados do País ( ) ( )
- 6) ... que as terras que os ricos não aproveitam para plantar deveriam ser divididas e distribuídas entre os trabalhadores do campo ( ) ( )
- 7) ... que a inflação (i.é., a desvalorização do dinheiro) prejudica demais os operários ( ) ( )
- 8) ... que há muito comunista no governo federal ( ) ( )
- 9) ... que a maior parte do dinheiro que os americanos ganham no Brasil é mandado para os Estados Unidos ( ) ( )
- 10) ... que é preciso congelar os preços dos gêneros de primeira necessidade, como feijão, arroz, etc. ( ) ( )

Respostas:

ITEM	SIM		NÃO		S/R	
	AB	JQ	AB	JQ	AB	JQ
1	74,6	88,2	20,9	10,6	4,5	1,2
2	41,8	44,7	46,3	49,4	11,9	5,9
3	85,1	92,9	8,9	3,5	6,0	3,5
4	58,2	72,9	17,9	4,7	23,9	22,3
5	38,8	48,2	34,3	24,7	26,9	27,0
6	89,5	83,5	4,5	11,8	6,0	4,7
7	83,6	89,4	8,9	3,5	7,5	7,0
8	19,4	22,3	26,9	20,0	53,7	57,6
9	41,8	54,1	22,4	11,8	35,8	34,1
10	98,5	92,9	1,5	7,0	—	—

Percebe-se nestes resultados, de maneira mais clara que nos da tabela 1, uma semelhança impressionante no comportamento dos dois grupos perante os diferentes itens.

2

Creemos ter deixado claro, com a apresentação destas tabelas, o quanto se faz necessária a elucidação dos conceitos com que se pretende interpretar os dados se se deseja ir além da superfície. Neste sentido, parece-nos de bom aviso lembrar que aceitar a "amorfização" como a dimensão decisiva do populismo significa receber como verdadeira uma perspectiva de análise (em última instância, uma teoria) que, ao invés da noção de classe, prefere fundar-se no conceito de massa, ou, como diriam os ideólogos nacionalistas, na idéia de povo. Ao que nos parece, ambas são demasiado gerais para tornarem compreensíveis tôdas as distinções que se observam entre as diversas formas populistas. São suficientes para uma caracterização formal do populismo, tal como poderemos encontrá-la em "Cadernos de Nosso Tempo" (1954, n. 2), que estabelece as seguintes condições gerais para aquêlê fenômeno político:

a) "massificação", provocada pela "proletarização" (de fato, mas não consciente) de amplas camadas de uma sociedade em desenvolvimento que desvincula os indivíduos de seus quadros sociais de origem e os reúne na "massa", "conglomerado multitudinário de indivíduos,

relacionados entre si por uma sociabilidade periférica e mecânica" (pág. 142);

b) perda da "representatividade" da "classe dirigente" — e, em consequência, de sua "exemplaridade" — que, assim, se transforma em "dominante", parasitária;

c) aliadas estas duas condições à presença de um líder dotado de carisma, teríamos tôdas as possibilidades de que o populismo venha a constituir-se e alcançar ampla significação social.

As insuficiências dêste esquema são desde já compreensíveis: é de tal modo formal que não basta para distinguir entre o ademarismo e o getulismo, por exemplo, ou para diferenciar entre o populismo da antiguidade e o da sociedade capitalista. A "massa", entendida como mero conglomerado de indivíduos, e a "perda da exemplaridade", como ineficiência dos padrões e valores estabelecidos pelas camadas dominantes, independem de qualquer vinculação histórico-social determinada. São aspectos demasiado gerais da vida social.

Não obstante, o populismo é efetivamente fenômeno de massas e a "amorfização" mencionada anteriormente é um dos indícios desta sua qualidade. É, porém, fenômeno de massas, no sentido de que classes sociais determinadas se manifestam como massa em dadas circunstâncias históricas. Esta idéia, que define nossa perspectiva de análise, caracteriza também o âmbito de nosso problema: quais as situações de classe que se acobertam nesta expressão política de massas? Em outros termos, como entender a conexão entre massa e classe?

Nem tôdas as posições de classe favorecem, tipicamente, aquela forma de manifestação política. As duas classes essenciais ao sistema capitalista, burguesia e proletariado, em particular êste último, tendem a organizar racionalmente sua ação política e a colocar claramente seus interesses à luz do debate político. Podem, em determinadas circunstâncias, manifestar-se como massa, mas tendem sempre a expressar sua marca de classe (Vide Lukacs, *G. Histoire et Conscience de Classe*).

A pequena burguesia, porém, é a massa por excelência, como o sugere a análise de Marx (*18 Brumário*) sobre os camponeses franceses:

"Os pequenos camponeses constituem imensa massa, cujos membros vivem em condições semelhantes mas sem estabelecerem relações multiformes entre si. Seu modo de produção os isola uns dos outros, em vez de criar entre êles um intercâmbio mútuo (...). Cada família camponesa é quase auto-suficiente; (...) A grande massa da nação francesa é assim formada pela simples adição de grandezas homólogas, da mesma maneira porque batatas em um saco constituem um saco de batatas. Na medida em que milhões de famílias camponesas vivem em condições econômicas que as separam umas das outras, e opõem o seu modo de vida, os seus interesses e sua cultura aos das outras classes da sociedade, êstes milhões constituem uma classe. Mas na medida em que existe entre os pequenos camponeses apenas uma ligação

local e em que a similitude de seus interesses não cria entre eles comunidade alguma, ligação nacional alguma, nem ligação política, nessa medida não constituem uma classe. São conseqüentemente incapazes de fazer valer seu interesse de classe em seu próprio nome, quer através de um parlamento, quer através de uma convenção. Não podem representar-se, têm que ser representados. Seu representante tem, ao mesmo tempo, que aparecer como seu senhor, como autoridade sobre eles, como um poder governamental ilimitado que os protege das demais classes e que do alto lhes manda o sol ou a chuva."

Estão indicadas neste texto as condições que engendram em geral, a política populista. A situação de classe pequeno burguesa se configura de modo a que, como afirma Lukacs, "uma plena consciência de sua situação lhe desvendaria (à pequena burguesia) a ausência de perspectivas de suas tentativas particularistas, em face da necessidade da evolução" (*Histoire et Conscience de Classe*). Estas condições de existência que caracterizam uma classe essencialmente marginal ao sistema capitalista, obstam, ao invés de promover, a coesão política da classe. Assim, a pequena burguesia jamais encontra sua comunidade de classe na luta política cujos motores básicos são os interesses de outras classes. Portanto, tende a submeter-se a um senhor, a não se fazer representar com autonomia, enfim, a manifestar-se como massa manipulável.

Dêste modo, talvez se possa dizer que a pequena-burguesia é a classe paradigmática para a explicação do comportamento de massa. Isto significa que se deve esperar que as mesmas condições gerais que caracterizam a situação pequeno-burguesa — marginalidade em face da dinâmica do sistema capitalista, ausência de uma perspectiva própria perante este sistema, e, portanto, impossibilidade de uma política autônoma — devem achar-se presentes, em alguma medida historicamente determinável, quando outras classes assumem o comportamento de massa. Pensamos, especialmente, no operariado e nos setores assalariados em geral, que, no Estado de São Paulo, são um dos apoios básicos do populismo.

Creio que se pode perceber, em face das considerações anteriores, que nossa análise, embora se atendo a um objeto muito circunscrito (a relação líder-massa), deve, pelo menos *in abstractu*, superar estes limites e se propor como explicação totalizante. Com efeito, a explicação desta relação impõe algum tipo de conhecimento das condições gerais do sistema capitalista no Brasil e supõe algum modo particular de inserção das classes neste sistema. O fato de que o operariado assumia o comportamento de massas só é inteligível, dêste ponto de vista, se se admite que esta classe não encontra ainda possibilidades de apresentar, com autonomia, sua perspectiva para o conjunto da sociedade; isto é, se se admite que no Brasil, o sistema não esgotou todas as suas possibilidades, nem passou por crises profundas que tornariam este esgotamento previsível em termos politicamente realistas.

3

Tendo presentes estas observações gerais, poderemos perceber no conjunto amorfo dos dados algumas diferenças bastante significativas entre ademaristas e janistas, que se constituem no ponto de partida de uma linha interpretativa que nos parece suficiente para explicar inclusive a "amorfização" dos conteúdos sociais e políticos.

Com efeito, as eleições de 1962 apresentaram alguns fatos de observação comum: Adhemar de Barros foi mais votado que Jânio Quadros no Interior que na Capital, onde este venceu; Jânio, no Interior, tendia a ser mais votado quanto maior a importância urbana e industrial. Estas observações foram confirmadas pela análise que efetuamos dos resultados eleitorais nas cidades (inclusive a Capital do Estado) com um contingente de 1.000 operários ou mais. Nestas 57 cidades paulistas, Jânio Quadros obteve 800.486 votos (71,1% de sua votação em todo o Estado) e Adhemar de Barros atingiu 771.172 (61,7%).

Estes fatos parecem-nos constituir indício suficiente de uma maior penetração janista nos setores mais urbanizados da população, em particular nos núcleos de maior concentração operária. Com efeito, pode-se fazer, a respeito, uma elucidativa comparação da penetração eleitoral dos dois candidatos, observando-se a tabela 3, que classifica as 57 cidades mencionadas segundo a proporção de operários sobre a população total.

TABELA 3

prop. pop. oper. / pop. total			
	cids. c/ — de 10%	cids. c/ + de 10%	
J.Q.	10 (53%)	9 (47%)	19=100%
A.B.	31 (81,5%)	7 (19,5%)	38=100%

A maior penetração janista nas cidades de maior concentração operária pode ser melhor visualizada na tabela acima, quando a comparamos com a evidente predominância ademarista sobre as cidades de menor concentração. Esta comparação pode ser feita através das duas séries de proporções indicadas, onde JQ consegue 53% contra 81,5% para AB nas cidades com menos de 10%. A mesma comparação poderia ser feita verificando as proporções AB e JQ neste mesmo conjunto de menos de 10%, porém tomando como base a soma de 41; neste cálculo, AB atinge 76% e JQ apenas 24%, conforme demonstra a tabela 4.



Nesta tabela, as duas séries de proporções são muito semelhantes, o que confirmaria de maneira evidente a hipótese (contrária à nossa e contraditória com a distribuição de votos no Estado) de que ambos os candidatos atingem a massa, entendida como conjunto amorfo e indiferenciado. Nesta linha de argumentação, o "bias" mencionado não constituiria um empecilho decisivo, pois de qualquer modo nossa perspectiva mesma supõe que, embora Adhemar de Barros tenha seu apoio básico na pequena burguesia, deverá atingir, de maneira diferencial, setores assalariados, fato que a tabela acima não evidencia.

Parece-nos, porém, que aquela organização dos dados comete um equívoco importante na classificação dos entrevistados incluídos na categoria "operário". Com efeito, nem todo assalariado excluído das demais categorias pode ser considerado operário, no sentido de indivíduo *profissionalmente* ajustado a uma estrutura de empresa industrial. Se excluimos do conjunto "operários" todos os casos que não podem ser caracterizados deste modo, teremos, para os grupos de ademaristas e janistas, uma nova categoria, "serviços" (faxineiros, porteiros, motoristas, mecânicos de pequenas oficinas, etc.). Por outro lado, operando sobre o conjunto "comércio" a distinção entre os indivíduos que trabalham em escritórios (em geral mais qualificados profissionalmente) e os que mantêm contacto direto com o público (balconistas, vendedores, etc.), teremos uma redistribuição que, somada à efetuada anteriormente, altera significativamente a tabela apresentada.

TABELA 7

Profissão	J. Q.		A. B.	
	Quant.	%	Quant.	%
Operários	35	40,7	18	26,9
Serviços	7	8,1	16	23,9
Com. Escrit.	13	15,1	4	6,0
Com. Público	5	5,8	10	14,9
"Conta própria"	14	16,3	11	16,4
Funcionários	9	10,5	5	7,5
Sem resposta	3	3,5	3	4,5
SOMA	86	100,0	67	100,0

Embora a medida seja um instrumento grosseiro, oferece, neste caso, indicações significativas das diferenciações sociais existentes entre estas categorias profissionais e entre os conjuntos de ademaristas e janistas. Observe-se, em primeiro lugar, que a média de renda *per capita* (ou seja, a relação entre a soma dos rendimentos da família e o núme-

ro de seus membros) é mais baixa no grupo ademarista (Cr\$ 15.931,00) que no grupo janista (Cr\$ 17.925,90). É, porém, particularmente inferior na categoria serviços (Cr\$ 10.545,40), média ainda mais baixa que aquela dos operários ademaristas (Cr\$ 12.470,60), de resto também inferior ao grupo operário janista (Cr\$ 16.909,10). Apesar de que não pudemos obter dados para calcular as médias para os setores "escritório" e "público" da categoria "comércio", pode-se perceber claramente no grupo de ademaristas a influência do maior número de comerciários de baixa qualificação profissional, comparando as médias globais da categoria (janistas: Cr\$ 26.769,20; ademaristas, Cr\$ 17.090,90).

Dêste modo, parece-nos, no que se refere aos assalariados incluídos em nossa investigação, que os dados evidenciam que as famílias de ademaristas possuem um nível de vida mais baixo que as famílias de janistas. Do nosso ponto de vista, esta diferença se associa a distinções de qualificação profissional e a modos diferenciais de integração nas atividades urbano-industriais.

Podemos agora perceber a significação, em termos da nossa hipótese, de alguns dados sobre as origens sociais dos grupos considerados. Com efeito, na tabela abaixo redistribuímos os assalariados segundo as seguintes características: 1 — todos os irmãos e o pai do entrevistado são *empregados*; 2 — algum destes trabalha "por conta própria" ou o entrevistado declara alguma atividade deste tipo, passada ou presente (lateral, neste caso).

TABELA 8

	ADEMARISTAS							
	Operários		Conjunto		Operários		Conjunto	
	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%
1) Empregados	9	50,0	19	33,9	26	74,3	47	65,3
2) "Conta prop."	6	33,3	25	44,6	7	20,0	20	27,8
Sem resposta	3	16,7	12	21,5	2	5,7	5	6,9
SOMA	18	100,0	56	100,0	35	100,0	72	100,0

Estes dados alteram significativamente a nossa tabela inicial. Agora, ao invés de proporções semelhantes para "conta própria" (16,3 entre janistas, e 16,4 entre ademaristas), teremos proporções muito diferentes, se distinguirmos os entrevistados não apenas pelo fato de desenvolverem ou não atividades "por conta própria" como atividade principal atual, mas se procuramos saber também se possuem ou não

vinculação familiar com estas atividades. Reorganizando os dados da tabela 6 nesta linha de classificação, teríamos 58,2% de ademaristas com atividades "por conta própria" ou vinculações familiares com estas atividades, contra 36% entre os janistas.

Não obstante a insuficiência quantitativa do material coletado por questionários, parece-nos que os dados apresentados oferecem indicações suficientes de uma grande coerência com as observações realizadas sobre a distribuição de votos. Assim, parece-nos que a hipótese geral apresentada encontra suportes empíricos suficientes para justificar o abandono da perspectiva da análise baseada na noção de massa, e procurar interpretar a relação de liderança em termos de classe. Só neste nível, a análise tornará possível a integração das diferenciações e "amorfizações" constatadas.

## II — MASSA, CLASSE E ESTADO

**1** Considerar o populismo como manifestação de uma situação de classes implica considerá-lo como um modo determinado de conexão entre a massa e o Estado; significa, pois, compreendê-lo como fenômeno *político* no pleno sentido desta expressão, recusando, dêste modo, a perspectiva que o focaliza apenas em termos das relações de dominação entre indivíduos.

Faz-se necessário, com efeito, que amplos contingentes da população se encontrem disponíveis para a participação política; ou seja, que o desenvolvimento econômico e social tenha conduzido a algum tipo de distinção real entre os aspectos políticos e os demais aspectos da vida social. Entendemos que é importante destacar a dimensão política do fenômeno, exatamente porque é típico das situações de massa obscurecê-la, ao mesmo tempo em que a torna fundamental. No caso brasileiro, por exemplo, esta tendência à despolitização do populismo se expressa, no plano analítico e ideológico, através de sua assimilação a formas sociais pré-capitalistas.

Dêste modo, é indispensável marcar as distinções entre o "coronelismo" e o populismo, formas em algo semelhantes, pois o líder de massas, como o "coronel", se apoia sobre uma relação de tipo afetivo com os seus seguidores, sobre uma relação de confiança e dependência pessoal. O "coronelismo", diz Vitor Nunes Leal, "atua no reduzido cenário do governo local: seu *habitat* são os municípios do interior, o que equivale a dizer os municípios rurais" (*Coronelismo, Enxada e Voto*, pág. 181). Por consequência, o isolamento social da localidade semi-urbana, acompanhado da rarefação do poder público, é fator importante na sua formação e manutenção; êle se caracteriza, assim, pela incursão do poder privado no domínio político, ou melhor, "é dominado por uma relação de compromisso entre o poder privado decadente e o poder público fortalecido" (pág. 122).

Populismo e "coronelismo" são, contudo, basicamente distintos, embora possam associar-se em circunstâncias históricas determinadas. O populismo é fenômeno de um período de intensificação do processo de urbanização e estabelece suas mais fortes raízes nas regiões de mais intenso desenvolvimento industrial. Dêste modo, apenas formalmente se assemelha aos padrões afetivos vigentes na sociedade tradicional brasileira.

Com efeito, no "coronelismo" temos as relações entre chefe e seguidor circunscritas aos limites sociais e econômicos sob domínio do senhor rural; dêste modo, êstes contactos são apenas uma dimensão inseparável da dependência social geral do eleitor, não se constituindo, portanto, em vinculações plenamente políticas. No populismo, pelo contrário, a adesão da massa ao líder supõe que os indivíduos estão livres de qualquer forma de coerção econômica e social daquele tipo; a relação política é essencial em todos os casos, e, freqüentemente, é a única.

Em suma, o "coronelismo", como afirma Vitor Nunes Leal, é expressão de um compromisso entre o poder público e o poder privado. Nesta mesma linguagem, diríamos que o populismo é, no essencial, a exaltação do poder público, é o modo pelo qual o Estado, através do líder, se põe em contacto direto com os indivíduos aglomerados na massa.

Dêste modo, importa verificar na imagem que se constitui na relação líder-massa, menos a expressão de uma afetividade difusa que a conexão de sentido — compreensível em termos de uma situação determinada de classe — entre a imagem e o Estado.

**2** Os resultados da investigação não enriquecem a noção geralmente aceita das imagens que os eleitores constroem para os líderes em estudo. São raros os casos em que os entrevistados apresentam razões políticas concretas ou motivos ideológicos definidos quando se lhes pergunta o porquê de sua opção eleitoral. Em geral, e como era de esperar, fixam-se nas qualidades reais ou imaginárias da pessoa do chefe e vêm neste um senhor, uma personalidade poderosa à qual se submetem.

Assim, acreditamos poder dispensarmo-nos da apresentação detalhada dêstes resultados, cujo resumo bastará para os fins de nossa análise. Os dois líderes são representados, por ademaristas e por janistas, quase sempre em termos de comparação e de antagonismo. Ademar de Barros aparece perante seus seguidores como o patriarca acessível, generoso e bom; os janistas vêem em seu chefe o homem duro, o moralista enérgico, solitário e ríspido, quase inacessível.

Observa-se, então, que, apesar das eventuais referências a problemas sociais e políticos feitas pelos líderes em comícios, permanece

no homem da massa a imagem de uma pessoa. Evidentemente, as atitudes políticas de um líder podem transformar a imagem, mas a relação pessoal, que a constitui, dissolve os conteúdos políticos concretos no sentido de fortalecer ou enfraquecer caracteres de personalidade, como "coragem", "generosidade", "intransigência", etc. Por exemplo, a renúncia de Jânio Quadros à presidência afastou muitos dos seus seguidores, menos pelo seu conteúdo político, que pela confissão de fraqueza, inesperada em um líder carismático.

Nestas condições, a imagem — único vínculo consciente entre o líder e a massa — obscurece os conteúdos ideológicos presentes na relação. Não obstante, e tendo em mente nossas análises anteriores, cabe perguntar se esta imagem não guarda uma conexão inteligível com situações sociais determinadas. De outro modo, faz-se necessário indagar pelas conexões entre os conteúdos da consciência individual e aqueles conteúdos ideológicos que lhe são imputáveis a partir de sua referência a situações sociais concretas. Não pretendemos discutir aqui este problema desde um ponto de vista teórico mas evidenciar, no andamento da própria análise, o equívoco de uma concepção da ideologia como consciência teórica, desvinculada da consciência individual, à qual se apresentaria, já elaborada, como um quadro de princípios para a ação e para o conhecimento. Com efeito, parece-nos mais acertado admitir que ideologia e imagem, interesses de classes e interesses individuais, são coisas distintas mas se encontram imbricadas num só conjunto.

É a conexão entre estes níveis distintos que, a seguir, procuraremos estabelecer em nosso intento de construir tipos para interpretação do populismo, tal como se manifesta nos dois casos observados.

3

Nas eleições de 1962, a propaganda ademarista mudou sua orientação tradicional. Já não apresenta o líder apenas como o homem "progressista" e "realizador", mas acentua a imagem do patriarca com a chamada "política do amor" que promete "paz" e "tranquilidade". Evidentemente, as circunstâncias eleitorais têm muito a ver com esta mudança. Jânio Quadros, o principal oponente de Ademar de Barros, assinalou seus governos em São Paulo por uma política dura e impessoal, perseguiu funcionários, agitou problemas políticos; além disso, as eleições ocorrem sob as circunstâncias críticas que acompanham a renúncia de Jânio Quadros à Presidência da República. Acreditamos, contudo, que o sentido da propaganda ademarista não é o de um mero contra-ataque, simples reação aos dados da situação eleitoral.

A aspiração de tranquilidade, que se revelou tão difundida na população paulista do interior, é a aspiração essencial de pequeno-burguês, para o qual o surto do desenvolvimento industrial dos últimos

anos constitui uma ameaça.\* Neste sentido, a intranquilidade política que se associa a Jânio Quadros é uma oportunidade valiosa para Ademar de Barros firmar seu prestígio. Por outro lado, a "política do amor", que é uma forma de resposta a aqueles anseios de tranquilidade, ajusta-se perfeitamente à imagem do patriarca bonachão. A tranquilidade que um governo generoso pode propiciar é o outro lado das passadas facilidades de vida que se associam para o eleitor aos primeiros governos do chefe pessepista. Atualmente, estas camadas sentem-se desamparadas e ansiosas por uma volta ao seu passado estável ou ascendente; mantém nítida a lembrança do período em que a vida lhes era mais fácil nos progressos do pequeno negócio e nos arranjos com o serviço público. É o período das famosas "realizações" ademaristas, que coincide com as fases de guerra e de após-guerra, que proporcionaram um grande impulso à atividade industrial. Atualmente, porém, reduzem-se progressivamente as possibilidades do enriquecimento pequeno-burguês, e estas camadas começam a sentir a ameaça da proletarização que, no seu caso, significa descenso social.

Não obstante, mesmo em face das dificuldades atuais, os ademaristas mantêm a esperança da ascensão mas, ao que nos parece, figuram-na de maneira muito particular. Esperam ascender individualmente através das fissuras da estrutura social que ainda concebem, à maneira tradicional, dividida em dois grandes conjuntos, os "pobres" e os "ricos", ante os quais se vêem como marginais e pressionados para baixo.

Esta marginalidade pequeno-burguesa, substrato básico do ressentimento social ademarista, abre ao líder a possibilidade de incorporar setores não-proprietários, pois são também marginais o "lumpen" e o

\* Dêste ângulo deve-se observar que janistas e ademaristas manifestam atitudes distintas em relação à comparação das atuais condições de vida com aquelas de há 15 anos passados (Vide questionário anexo, perg. 4-a). Com efeito, apesar de estereótipo de um agravamento constante das condições de vida, observam-se algumas diferenças que nos parecem bastante significativas de um predominante pessimismo entre os ademaristas comparado com relativo otimismo dos janistas.

	A. Barros	J. Quadros
Pior	73,1%	53,5%
Outro	26,9%	46,5%
	67=100%	86=100%

assalariado de baixa qualificação. Talvez se possa dizer, inclusive, que os setores "lumpen" dão a tônica da imagem do líder, pois o ressentimento pequeno-burguês encontra aí sua expressão mais forte: são os "desfavorecidos da sorte" que vivem (ou esperam viver) das migalhas do Poder.

Poder-se-ia imaginar, equivocadamente porém, que o ademarista só se mantém à base de doações e que, portanto, seria sustentado pelos interesses imediatos das massas que estabeleceriam com o poder uma relação quase-econômica. Não obstante, importa observar que tal relação constitui, para a maioria, uma expectativa antes que uma possibilidade concreta de desfrute. Ainda que atribuíssemos uma excepcional eficiência à máquina ademarista ou à capacidade assistencial do Estado, não poderíamos admitir senão uma minoria diretamente assistida. Com efeito, há algo mais para compreender e explicar no comportamento político destes setores com relação a este problema.

A imagem do chefe patriarcal, que em sua generosidade promete um viver tranquilo, traduz, na condição marginal destes setores, uma expectativa em relação a um determinado tipo de Estado. Não contém a expectativa de uma política específica, mas a de um poder que "olhe pelos pobres". Daí a importância que atribuem os ademaristas à atividade assistencial. A imagem do líder, acessível e fácil aos seus seguidores, sugere um estilo de comportamento para a burocracia administrativa no sentido da relativização da dureza das normas. Enfim, o ademarista típico, da fase "progressista" ou da fase conservadora, imagina um Estado protetor, assistencial, ao qual se possa recorrer em caso de dificuldade sem os impedimentos técnicos de uma administração racional e impessoal. É esta a estrutura que permite ao pequeno proprietário, ao "lumpen" e ao assalariado marginal, a certeza de que pode sobreviver, mesmo derrotado na violenta competição estimulada pelo desenvolvimento capitalista, e mais ainda a certeza de que pode manter a aspiração de acesso a posições mais elevadas.

Evidentemente, esta representação do Estado, embora não suponha nenhuma política particular, implica em um tipo de política conservador. Todo intento de transformação pode perturbar as condições de equilíbrio que permitem a estes setores participarem, ao menos em intenção, das migalhas de uma estrutura de privilégios. Se as coisas não podem voltar ao que foram, devem permanecer como estão.

☆

É curioso observar no caso Jânio Quadros, como se associam um estilo político mais radical, que se expressa na imagem da liderança carismática, a um maior otimismo social. A compreensão disto parece-nos estar vinculada ao fato de que este otimismo se combina com uma insatisfação de natureza mais profunda. Com efeito, os janistas são mais estáveis que os ademaristas no sentido de que — como operários

e classe média proletarizada ou em vias de proletarização imediata — já não têm muito a perder com o desenvolvimento capitalista; sentem-se menos como pequena burguesia em crise de decadência do que como operários com situação estabilizada ou em ascensão. Em outros termos, chegaram aos limites da escala social urbana (seja decaindo como classe média frustrada em suas esperanças de arranjo pessoal, seja ascendendo como homens do campo e do interior que engrossam as fileiras operárias). Deste modo, seu ressentimento difere do ademarista, pois não são marginais à estrutura social urbano-industrial, mas se encontram no seu limite inferior. Assim, não se voltam para o poder acalentando a esperança de proteção pessoal mas de justiça, pois o que agora conta não é a expectativa de favores mas a capacidade do trabalho. Nestas condições, o otimismo dos janistas expressa a existência de algum grau de ajustamento com a estrutura industrial em desenvolvimento; por outro lado, seu radicalismo expressa a insatisfação de estarem inferiorizados dentro desta estrutura.

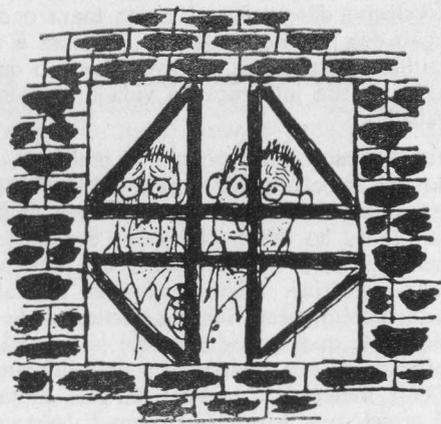
Deste modo, o janismo aparece como a forma ambígua de manifestação de um profundo desencanto social. Assim, poder-se-ia dizer que estes setores populares projetam, através da identificação com o ascetismo rigoroso do líder, a aspiração de um Estado abstrato que os ademaristas de modo algum podem conceber. Com efeito, falta-lhes tradição, mesmo a simples lembrança pequeno-burguesa de um passado recente de relativa prosperidade individual, a qual, onde existe, tem pouca importância presente. Por seu turno, os habitantes da periferia, em geral recém-chegados do interior e do campo, defrontam-se com a engrenagem da grande cidade já montada e não podem assimilá-la aos hábitos dos ambientes de origem. Nestas condições, estes setores já não podem manter a expectativa de ajuda pessoal e passam a esperar do Estado justiça e aplicação incondicional da lei.

Assim, o moralismo das massas janistas toma o conteúdo muito popular de limitação dos privilégios que se associam à corrupção; elas já não podem partilhar a esperança de favores pois o que efetivamente conta, nas condições de sua integração à vida urbano-industrial, é sua capacidade de trabalho.

Não obstante, este moralismo popular é ambíguo em seus efeitos políticos, podendo ser associado ao moralismo impopular dos "cartolas". A raiz desta ambiguidade está em que estas massas são, a um tempo, as mais ajustadas ao desenvolvimento capitalista, do qual até certo ponto se beneficiam, e estão situadas nos limites inferiores da escala social urbano-industrial. Deste modo, seu radicalismo é nitidamente individualista; porém, neste sentido particular de ser uma irada e confusa consciência de que individualmente já não há solução possível. Daí a possibilidade de sua submissão a uma liderança carismática, pela qual se deixam manipular, embora através desta manifestação política irracional projetem a aspiração de um Estado entendido como *coisa pública*.

Portanto, poder-se-ia dizer talvez que este radicalismo individualista é em parte um resíduo, expressão da última decepção pequeno-burguesa destas massas assalariadas originadas do campo e da classe média. É também um impulso essencialmente negativo, a necessidade obscura de manifestar um ódio social cujas condições atuais de classe não são conhecidas e que são mistificadas pela liderança carismática. Daí o sucesso da violência verbal de Jânio Quadros, das punições, da perseguição ao funcionalismo tido por relapso e "ajeitado". Enfim, este radicalismo é a capa pequeno-burguesa que obscurece um reformismo de tipo proletário (circunstância que denota, e até certo ponto explica, a enorme ineficiência dos grupos de esquerda em São Paulo). Este reformismo não pode, portanto, se confundir com o "economismo" operário, pois se recobre com um amargo ressentimento pequeno-burguês, como se lhe fôsse necessário quebrar todo o encanto afetivo-tradicional do Estado antes de mostrar a face tranquila do operário ajustado ao sistema capitalista.

Em conclusão, os setores janistas, enquanto se ajustam ao sistema, ou seja, enquanto se adequam como *classe*, querem justiça, querem um Estado racional, mas, — na medida em que não possuem tradições classistas e em que este relativo ajustamento cria também as condições para a remanescência de certos conteúdos sociais tradicionais, ou seja, enquanto aparecem como *massa*, — só encontram meios de expressar-se através do reconhecimento de um carisma, isto é, através da mais irracional forma de liderança política. Dêste modo, jogam tóda a sua aspiração de mudança política e de transformação social em uma pessoa que julgam dotada de um poder ilimitado.



Jaguar e os presos políticos na GB.

A derrubada do Governô Goulart levou Roberto Campos ao poder, já no "Ministério Mazzili". Ninguém experimentado em política o imaginava provisório. Êle era a tônica do golpe, o recibo do *swap* que reorientaria doravante as finanças do País. Veio confirmar *The New York Times*, que denunciara mudanças de cúpula no Brasil;

ilustrar a doutrina Mann sôbre as vantagens da estabilidade sôbre a democracia; e sublinhar a satisfação imediata e declarada de Lyndon Johnson com a queda do regime.

O passado não autoriza a crença na autonomia dos mentores do 1.º de abril. Para garantir a posse legítima de Juscelino Kubitschek e João Goulart, em 1955, o Exército enxotou Café Filho e Carlos Luz, mas antes anunciou sua decisão ao Governô dos EUA (ver entrevista de Lott a *Manchete*, na época). Embora com alguns hiatos ambíguos, há dezoito anos vivíamos na legalidade democrática. É improvável, portanto, que fôssem repudiados sem a anuência prévia do EUA.

O golpe, na América Latina, ao contrário da revolução, é instrumento da classe dominante. Esta, apesar de antagonismos setoriais, depende, para a sua sobrevivência, da cobertura do poder ame-

ricano: o que se estende às instituições que a mantêm como classe dominante, como as Forças Armadas.

Houve, sem dúvida, os inócentes úteis. A inflação, a carestia, a estagnação e o pânico anticomunista tinham praticamente restringido o apoio ao Governô Goulart à aristocracia do proletariado (ape-

nas 10 por cento dos operários do País são sindicalizados: o saldo devedor de quase trinta anos de peleguismo) e a minorias políticas, militares e intelectuais, que viam nos *slogans* reformistas do Presidente o combustível que alimentaria o processo revolucionário nacional.

A média e a pequena burguesia, em ampliação desde o período Kubitschek, foram a massa de manobra do golpe. Suas perspectivas se estreitavam ante a interrupção do desenvolvimento, e o que lhes restaria, segundo a propaganda maciça e incessante do IBAD, era o *déclassèment* do comunismo ou da república sindical. Os próprios militares, em sua maioria, se acreditarmos na palavra do Mal. Castelo e Júlio Mesquita Filho (relatada pelo último, sem qualquer contestação, em *O Estado de São Paulo*), pensavam, em 1.º de abril, estar impedindo o continuísmo de Gou-

## 1.º ANIVERSÁRIO DO GOLPE:

### QUEM DEU, QUEM LEVOU, REAÇÕES POSSÍVEIS

PAULO FRANCIS